



JAMIL SNEGE E A CRÔNICA ALÉM DO CHÃO

JAMIL SNEGE AND THE CHRONICLE BEYOND THE GROUND

Ralf Pirilo Faeda¹

Orientador: Prof^o.Dr^o. Marcelo Alcaraz²

Curso de Teoria Literária do Centro Universitário Campos de Andrade – Uniandrade.

¹ Mestrando do Curso de Teoria Literária do Centro Universitário Campos de Andrade – Uniandrade.

² Doutor em Literatura (UFSC) e Pós-Doutor pela Universidade do Minho, Portugal, docente do

E-mail: ralf.faeda@gmail.com

RESUMO

Surgida em um contexto urbano, produto híbrido da ascensão do jornal e do início da queda do interesse pelo livro, a crônica se desenvolveu de maneira bastante particular no Brasil, adaptando o tom informal de seus primeiros dias à realidade nacional do final do século XIX. Parte da crítica literária, em razão da aparente desprezão da crônica, dedicou-se a relegar a ela o papel de gênero menor, e aos cronistas uma casca de irreverência e leveza nem sempre condizente. Ao retratar a cidade e o sujeito que a ocupa e a constrói, coube ao cronista bem mais do que o mero papel de distrair leitores. O olhar do cronista, que não vem do alto e tampouco cola-se ao chão, encara a cidade com os olhos que sabem ver, dispostos a evidenciar as minúcias do cotidiano. Na tentativa de realçar o olhar arguto do cronista e questionar a pretensa leveza da crônica, este artigo apresenta uma análise do livro “Como tornar-se invisível em Curitiba”, do escritor Jamil Snege. **Palavras-chave:** cronista; Jamil; Snege; Curitiba.

ABSTRACT

Emerged in an urban context, a hybrid product of the rise of the newspaper and the fall of interest in books, the chronicle developed in a very particular way in Brazil, adapting the informal tone of its early days to the national reality of the late 19th century. Part of literary criticism, due to the apparent unpretentiousness of the chronicle, dedicated itself to relegating it the role of a minor genre, and to the chroniclers a shell of irreverence and lightness that is not always consistent. By portraying the city and the person who occupies and builds it, the chronicler had much more to do than the mere role of distracting readers. The chronicler's gaze, which does not come from above nor is it glued to the ground, faces the city with eyes that know how to see, willing to highlight the minutiae of everyday life. In an attempt to enhance the chronicler's astute look and question the alleged lightness of the chronicle, this article presents an analysis of the book "Como tornar-se invisível em Curitiba", by the writer Jamil Snege. **Keywords:** chronicler; Jamil; Snege; Curitiba.



1. INTRODUÇÃO

Como ocorre a outros gêneros literários, a crônica resiste a sucumbir a definições e limites rígidos. Normalmente, ao referir-se a ela, recorre-se a sínteses que, embora encontrem eco na gênese deste gênero, não correspondem com fidelidade ao seu papel real na literatura, sobretudo se se leva em conta a produção contemporânea. O texto leve e descompromissado, portanto, comumente associado ao cronista, bem como o teor humorístico e seu caráter efêmero, aparentemente sem intenção de alcançar a posteridade, representam apenas parte deste gênero híbrido – parte que, embora relevante, destoa de um quinhão considerável de autores que insinuam o grave e o irônico sob o texto breve e supostamente desprezioso da crônica.

Surgida há cerca de um século e meio no Brasil, quando o jornal, enquanto veículo, aumentava sua circulação e tornava-se cotidiano e rentável, a crônica de então dividia espaço com os chamados romances-folhetins. À moda francesa, os jornais passam paulatinamente a substituir a supremacia do livro físico ao publicar nas primeiras páginas de suas edições cotidianas obras divididas em capítulos, advento que atraiu diversos escritores (e novos leitores) para este veículo, em uma relação de duplo ganho.

Em paralelo, já no corpo interno das edições, além das notícias e da publicidade, os jornais passam a publicar uma miríade de conteúdos distintos, abordando desde traduções e resenhas até poesia e ensaios, imitando o formato em voga nos veículos franceses de então (MEYER, 1998). É neste terreno *sui generis* entre a literatura e o jornalismo que a crônica se estabelecerá, não sem antes aprimorar-se em estilo e temática:

Quando o palácio do livro estilhaçou-se sob o olhar do espectador moderno, seus fragmentos produziram pequenas partículas volantes, histórias mínimas, uma tal de literatura menor que fora se alojar, sem dor nem pesar, na morada portátil do jornal. Seu nome: crônica.

Vestígio, entulho, ruína daquilo que era heterônimo, incompleto, despedaçado, leve demais, para que o livro a quisesse, a crônica proclama a primazia do fragmentário sobre o

total, das pequenas histórias sobre a História total. (SANTOS, 2009, p. 17)

O estigma de “gênero menor” sintetizado por Antonio Candido parece aferrar-se à crônica brasileira desde sua gênese, em boa parte graças à crítica literária. A título de confirmação, bastam os exemplos de Afrânio Coutinho, que em seu livro *A literatura no Brasil*, não inclui a crônica no que ele define como gênero narrativo, aqueles de “natureza estritamente literária” (COUTINHO, 1997, p. 117); tampouco Massaud Moisés dá à crônica um protagonismo literário, definindo o cronista como aquele que opta por “voos dentro de estreita gaiola, na minúscula parcela da realidade” (MOISES, 1997, p. 108) que se abre à crônica.

Tais críticas, ao que parece, aplicam-se mais aos primeiros anos da produção de crônicas no país, quando imperava neste gênero a tentativa de soar trivial e leve como sua congênere francesa. Ocorre que tais características contrapunham-se a própria realidade da sociedade brasileira de então, ainda entrevada pela escravidão e pela conturbada vida política dos primeiros anos da República, de maneira que tanto o tom quanto a temática das crônicas vão paulatinamente se ajustando. Nomes como Machado de Assis e José de Alencar muito contribuíram para abrigar este gênero que, de resto e partir de então, cresceu em importância “pela naturalidade com que se aclimatou aqui e a originalidade com que aqui se desenvolveu” (CANDIDO, 2003, p. 89).

Tal originalidade, sobretudo sob a pena de escritores hábeis cujo interesse pelas páginas dos jornais crescia, fez da crônica brasileira um espaço privilegiado de produção literária. Se o romance e as novelas do período, grosso modo, abordavam a vida doméstica, as confissões da alcova e os dilemas amorosos de uma elite degenerada, a crônica dá voz a novos atores, ou seja, “enquanto o romance-folhetim tem ainda os olhos voltados para o interior burguês, a crônica já nasce no “olho” da rua e com os olhos voltados para a rua” (SANTOS, 2009, p. 16). Ao cronista, passa a ser necessário ajustar o fazer literário ao tempo veloz do jornal, “essa publicação efêmera que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou para forrar o chão da cozinha”, nas palavras de Antonio Candido. Isso resulta em um texto que demanda artifícios que, quando



bem elaborados, resistem ao teste do tempo, pois a crônica ideal

parece penetrar agudamente na substância íntima de seu tempo e esquivar-se da corrosão dos anos, como se nela se pudesse sempre renovar, aos olhos de um leitor atual, um teor de verdade íntima, humana e histórica impresso na massa passageira dos fatos esfarelado-se na direção do passado. (ARRIGUCCI, 1987, p. 53)

Não por acaso, esse olhar típico do cronista encontrará a cidade, o transeunte. É na rua que reside o material primordial e mais costumeiramente abordado nas crônicas. Ali, como um detetive (ou um repórter), o cronista se alimenta do corriqueiro e, com grandiloquência ou não, evidencia-o sob um prisma inusitado. Para tanto, novamente não cabe restringir o modo com que a crônica serve-se da linguagem, coloquial ou rebuscada, descritiva ou fragmentada, formal ou poética. Conforme veremos mais adiante, muitos são os recursos estilísticos presentes na crônica, sem prejuízo de impacto. O que parece coincidir decisivamente entre os diversos modos de produzi-la é precisamente o ponto de vista do autor.

Gênero fronteiroço por natureza, (a crônica) destina-se a estabelecer a ponte de ligação entre a realidade e a fantasia, procurando ver a “cidade” sob as espécies das cidades, e o “personagem” através das configurações individuais. (...) Todos veem, mas o cronista deve saber ver. (ALMEIDA, 2006, p. 202)

É este olhar particular do cronista, também definido por Arrigucci Jr. como “olhos preparados, em meio à vida fragmentária, aleatória e fugaz dos tempos modernos, para a caça de instantâneos” – é possivelmente este olhar que eleva a crônica do chão onde costumam relegá-la, alçando-a um lugar na posteridade não como mero registro de um momento, senão como obra em si.

A crônica liga, assim, o passado (linhagens medievais) e o presente (registro do já); media a literatura canônica e a reportagem para as

massas; transita entre o espaço doméstico, privado, e o movimento das ruas, público; fixa-se na fronteira limítrofe entre a mercadoria e a arte, entre o jornal e o livro. Pela sua inerente ambiguidade, documenta para sempre, à parte a transitoriedade que a habita, um tempo pioneiro em que a casa sagrada do livro esfarelou-se em partículas móveis, cujo campo de experiência não é mais o transcendente, mas a experiência viva e palpável da cidade. (SANTOS, 2009, p. 18)

Híbrida e múltipla, palatável ou indigesta, seja pela sagacidade do tema, seja pelo trabalho de aproximação ao coloquial da linguagem ou, como bem representa o autor abordado neste artigo, Jamil Snege, seja pela ironia cortante que emprega, a crônica representa o gênero que melhor aborda o cotidiano da vida veloz na cidade.

2. A CIDADE AO RÉS DO OLHAR

Se, conforme vimos, a crônica é um gênero literário que nasce e se desenvolve em simbiose com a expansão dos jornais, também é verdade que na urbe o cronista encontrará seu tema mais frequente. Em sua gênese, abordando desde a confusão típica das cidades, com seus cruzamentos cada vez mais densos e suas fábricas cada vez maiores, passando pelos cafés e bares apinhados, até os tipos mais característicos que povoavam o painel recém-formado das metrópoles, a crônica abrigará com generosidade esse novo viés da modernidade.

O cronista, então, assume o papel de retratar, através de seus textos, essa realidade diversa e difusa. Tanto melhor o conseguirá quanto mais for capaz de aderir ao cotidiano, visto não mais de cima, sob um viés acadêmico ou aristocrático, tampouco restringindo o foco ou o tom a trivialidades. É quando coloca o pé na rua e, sem se curvar, olha a cidade ao seu redor que o cronista eleva a crônica de sua condição desprezível à intenção de posteridade.

Daí, portanto, que ao cronista seja possível adjetivar, sem prejuízo da verdade, de tantas e tão diversas maneiras. Se no capítulo anterior já ficou mencionado o viés detetivesco



e jornalístico que exala da crônica tradicional, acrescenta-se aqui o caráter popular e a linguagem coloquial que boa parte dos cronistas emprega, a tal conversa fiada, o papo de bar.

Este homem das multidões, que averigua compassadamente cada rua, acaba por converter a própria cidade em personagem, transformando-a em relato – “o relato do espaço atravessado que vê o percurso como estrutura narrativa” (CARERI, 2015, p. 31), de maneira a entender o ato de caminhar como inerente à própria condição humana e sua capacidade de contar histórias.

Trazendo a análise para o mote deste artigo, não é preciso muito esforço para verificar nas crônicas de Jamil Snege, conforme veremos, uma relação visceral com a cidade de Curitiba, embora a temática do autor nem de longe se restrinja à capital paranaense. De alguma forma, porém, um traço característico que liga Snege à maioria dos cronistas é a tentativa de “capturar a alma da rua”¹ ou, para evocar hábitos mais profundamente arraigados, *deambular* em busca do “inconsciente da cidade”². Ambas as expressões são outra forma de dizer que o cronista, não raro, lança a si mesmo como parte da cidade.

Provinciana e ainda em transformação sob os olhos de Snege (e sob sua influência, pode-se afirmar, visto que, como integrante da equipe que Jaime Lerner montou para repaginar a percepção da capital paranaense, o publicitário Jamil contribuiu para construir a imagem da *Curitiba Oficial*, a qual, ironicamente, combateria em sua abordagem literária), não seria de todo adequado equipará-lo ao clássico *flâneur* observado por Benjamin – que se referia a outro contexto e prática.

Mais do que isso, se Curitiba não é Paris e Jamil não foi Baudelaire, também não cabe a todo cronista o *flâneurismo*, tanto menos àquele cuja paisagem local é mais bucólica e menos pujante que a cidade-luz no século XIX. Mais do que um observador que retrataria a cidade com uma “percepção aguda, mágica à força de ser ingênua”, o cronista contemporâneo parece fincar os dois pés na realidade, olhando-a com menos vislumbre.

De todo modo, quando retrata uma

cidade diferente da *Curitiba Oficial*, não parece ser outro o intento de Snege além de *inscrever-se* como parte de uma outra cidade que reside junto àquela:

Roubem a iluminação pública, embaralhem todas as ruas, e eu chegarei ao bar Mignon, à Catedral, ao Café da Boca. No máximo com trinta segundos de atraso. Porque Curitiba se tece e se destece, se desfaz e se refaz com a sábia regularidade das teias de aranha. Temos Curitiba inscrita na memória, um plano diretor genético no qual estão previstas as mudanças que ocorrerão nos próximos dez anos. (...) Curitiba se regenera como o rabo cortado de uma lagartixa. (SNEGE, 1994, p. 97)

Ou então – em trecho de outra crônica em que também se pode destacar certo refino da linguagem e ares fantásticos acrescentados ao corriqueiro:

Eu então, sem mais nem menos, tomá-lo-ia nos braços e começaríamos a bailar. (...) E em doce enlevo, a valsar, pisotearíamos os canteiros de fúcsias e hibiscos. (...) E os sinos da Catedral a tocar, e a turba delirante a nos aplaudir, atravessaríamos embriagados os passeios até que na extremidade norte da Praça Tiradentes, bem junto ao sinaleiro, um ônibus nos colheria em cheio, espalhando pedaços de nossos miolos pelo asfalto. Lindo!, exclamaria a turba embevecida. E cada qual ao seu destino, pés e pernas, cabeças, transeuntes, a praça readquiriria sua feição normal, apenas o céu azul por testemunha. (SNEGE, 2000, p. 120)

Tal qual o personagem transgressor, o cronista agride os canteiros das praças e cruza os passeios em meio à multidão. Seus miolos espalhados pelo asfalto não chegam a chocar os transeuntes, talvez agradecidos pelo espetáculo proporcionado, talvez porque o cronista, como os canteiros de fúcsias e hibiscos, é parte

marginais de Paris tornou-se uma das atividades mais praticadas pelos surrealistas a fim de sondar aquela parte inconsciente da cidade que escapava das transformações burguesas”. (CARERI, p. 31).

¹ “A rua era para eles apenas um alinhado de fachadas por onde se anda nas povoações. Ora, a rua é mais do que isso. A rua é um fator da vida das cidades, a rua tem alma”. (RIO, 2008, p.7).
² “O contínuo *deambular* em grupo pelas zonas



constituente da própria cidade.

A seguir, este artigo tratará de analisar um conjunto de crônicas presentes no livro “Como tornar-se invisível em Curitiba”, de Jamil Snege, especificamente aquelas nas quais o autor refere-se à sua cidade natal de maneira que não se classificará como leve e despretensiosa.

3. JAMIL SNEGE: UM OLHAR CRÔNICO SOBRE CURITIBA

Das vinte e cinco crônicas que constituem “Como tornar-se invisível em Curitiba”, livro publicado no ano de 2000, sete falam direta (e especificamente) da cidade-título. A capital paranaense aparece retratada também em outros livros de Jamil Snege, curitibano de nascença e criação, cuja carreira publicitária também se desenvolveu em Curitiba. A “curitibanidade” do autor, emprestando um termo por ele utilizado, embora evidente em sua produção, não foi entendida por ele como um traço fundamental. O trecho a seguir consta no jornal *Gazeta do Povo*, na crônica “A hipótese ornitorrinco”, publicada em março de 2002:

Isso não me isenta, entretanto, de ser envolvido algumas vezes em discussões sobre o que Curitiba tem de bom e de ruim. Invariavelmente, adoto a mesma estratégia: se a maioria é ufanista, corro de pau com a cidade; se os detratores predominam, parto em socorro da donzela ofendida. Mas é pura farsa. Continuo acreditando que as alegrias e os padecimentos que acometem a espécie humana são os mesmos em qualquer lugar.

De fato, no apanhado de crônicas selecionadas no livro há de tudo: ora viaja no tempo-espaço, ora teoriza sobre a origem da humanidade, ou ainda, filosofa sobre amores perdidos (entre outras abordagens mordazes e cínicas que não raro incluem a autoironia). Entretanto, a “Curitiba cruel e sonâmbula” está sempre lá, reaparecendo como tema de interesse crônico do autor. Quando menos, personagens criados por Snege com o traço característico do curitibano darão a toada de narrativas que abordam outros temas.

Na maioria das crônicas de “Como tornar-se...” o tom é irônico, desvelando sob um

viés sarcástico a fina camada de hipocrisia da vida do curitibano típico. Já de início, é interessante pontuar que isso contrasta abertamente com o trabalho do Jamil publicitário e marqueteiro na década de 1970, conforme ele próprio declara em seu romance autobiográfico, publicado em 1994:

Enquanto isso, Jaime Lerner começava a dar tratamento verbal aos seus conceitos urbanísticos. São ideias espaciais, configurações mentais, imagens que devo tratar textualmente e reproduzir num jornal mural que será afixado pela cidade. (...) Aos poucos, vamos recobrando de signos a Curitiba imaginada e concebida na prancheta. Está ficando linda. (SNEGE, 1994, p. 169)

Se na carreira publicitária colaborou para formatar a imagem idealizada de Curitiba, nas crônicas de “Como tornar-se...” Snege encontrará meios de unir sua potência ficcional a um olhar arguto sobre a realidade, de modo a retirar o manto oficial que recobre a cidade. No trecho a seguir, extraído da crônica “Minha vidinha de cachorro”, narrada em primeira pessoa por um cachorro de nome Tarugo (e, ainda por cima, após sua morte), chama a atenção o teor jornalístico que se mescla ao inusitado caráter da narrativa (cujo início é permeado de humor). Ao mudar o tom do relato, a crônica cria no leitor um estranhamento:

O que me trouxe aqui, em espírito (vocês já devem ter notado que sou um cão falecido) é uma questão muito mais séria. (...) sabem quantos cães foram mortos nas ruas somente no ano passado em Curitiba? 5.730. Isso mesmo: cinco mil setecentos e trinta cães. (...) Dos 4.271 cães que a Prefeitura capturou no ano passado, só 1.485 voltaram para os braços de seus donos. O restante dançou (...) foi sumariamente eutanasiada.

Morri feito um cão, as pernas amolecendo, a cabeça pesando, um calorão desgraçado explodindo dentro do peito. (Assim termina o protesto de Tarugo, o Breve, que jaz sob toneladas de lixo no Aterro Sanitário desta mui ecológica e humana cidade de Curitiba, amém). (SNEGE, 2005, p. 44-46)



No desfecho, a interrupção abrupta da voz de Tarugo e a inserção de um segundo narrador ampliam o impacto do texto, quase como uma advertência publicitária às avessas, que produz um interessante jogo de vozes narrativas no curto espaço da crônica. O humor do início é substituído pelo sarcasmo, e a abordagem acerca de um tema aparentemente menor conduz a reflexão a outros caminhos, diferentes daqueles pronunciados nas primeiras linhas.

Mais adiante, em tom mais jocoso e igualmente direto, novamente a Curitiba Oficial é posta à prova, “inofensiva apenas na aparência”:

(...) que estranha surdez é essa que congela a sensibilidade de nossa adorável velhinha de 300 e tantos anos? Vocês conhecem outra, de igual porte e mesma faixa etária, que se comporte assim? Se ao invés de engenheiro tivéssemos um prefeito geriatra, a ecológica anciã recobriria seu entusiasmo? (...) Até lá, entretanto, temos de conviver com a dissimulada vovó de ouvidos moucos. (Ibid. p. 74)

Certo tom melancólico e saudosista também é depreendido de algumas crônicas presentes na coletânea. Jamil personificará em seus textos essa ambiguidade em relação a Curitiba, “a cidade de nossos exílios, cujo único bonde está parado. Não vai a lugar nenhum”. A dubiedade, por sinal, faz parte da própria cidade na visão do cronista, que, a pretexto do aniversário da cidade, na crônica batizada de “Canto de amor e desamor a Curitiba” escreveu que

Há uma Curitiba de manjedouras acetinadas, recendendo a lavandas e beijos, nas quais se vela o sono dos primogênitos, e uma Curitiba de marquises rotas, escuridão e mijo, sob as quais se aninha o torpor dos meninos que cheiram cola. (Ibid. p. 64)

A contradição permeia o curitibano, presente no limiar entre amar e temer a cidade, vivê-la e se proteger dela. Os tipos curitibanos transformam-se em personagens nas mãos de Jamil, como por exemplo o Freitas, que desfila em diversas crônicas de “Como tornar-se...” sua idiossincrática figura, cindida entre a aparência de honestidade e a essência (no mínimo) questionável:

Qualquer tartufo saído da imaginação de um Molière ou de um Dostoiévski empalidece diante do Freitas real e empírico que vemos a furar os semáforos de Curitiba com seu carrão importado.

(...) Jovem ainda, em seu primeiro emprego público, descobriu uma maneira de imprimir apostilas no xerox da repartição (...) revendia material escolar do MEC e, muito veladamente, o gabarito das provas com 70% das questões respondidas.

(...) Família estruturada, belos filhos terminando a Federal (Freitas é defensor do ensino público, dever do Estado), situação econômica invejável (...) se confessa decidido a entrar na política. “Precisamos acabar com essa corrupção”, declara, um brilho de indignada revolta no olhar. (Ibid. p. 16-18)

Outro curitibano crasso é o Fernandinho, personagem presente em uma das crônicas, intitulada “O paraíso do Fernandinho”. Jamil refere-se aqui aos condomínios de Santa Felicidade, bairro tradicional da cidade e que talvez melhor represente a separação entre a Curitiba real daquela oficial. De arquitetura e pavimentos diferenciados do restante da cidade, com terrenos imensos e destaque para o turismo e a gastronomia italiana, Santa Felicidade é praticamente uma cidade dentro da cidade – e é no condomínio que tal separação se exacerba:

Os guardas da portaria me confirmam pelo interfone e um deles avisa: é a quinta casa à direita, tem um pavão pintado no vidro. (...) Não precisa chavar o carro, ele sugere; pode inclusive deixar os vidros abertos.



Reluto, mas obedeço. Dou uma olhada ao redor e só vejo seres angelicais: garotos andando de bicicleta, senhoras pastoreando cães, um velhinho lendo jornal à sombra de um plátano. (Ibid. p. 33)

A realidade paralela do lugar, com seus integrantes exibindo um “sorriso aberto para ser usado apenas em condomínios fechados”, será retratada com tintas de exagero, de maneira a extrair do banal um efeito cômico. O desfecho da crônica, em que o entediado narrador dá asas à imaginação para infiltrar a vida da periferia dentro do condomínio é permeado de sarcasmo, terminando pela sugestão da “derrubada de todos os muros, naquilo que seria o primeiro condomínio fechado aberto do mundo”.

Em outra crônica de “Como tornar-se...”, intitulada “A arte de tocar piano de borracha”, em que o próprio Jamil assume a voz narrativa e inicia se disponibilizando a escrever, “no prazo de um ano, um romance ou novela tão bom quanto qualquer Garcia Márquez”, sob a condição de previamente receber apoio financeiro de alguma entidade local, veremos a crítica ferrenha à falta de incentivo da Curitiba Oficial aos artistas e à cultura em geral:

A historinha retrata com alguma maldade a nossa velha Curitiba de guerra. Um piano de borracha à sombra dos pinheirais. Se você quiser tocar, pode. Mas não vá exigir que ninguém escute. Ninguém viu, ninguém ouviu e quem ouviu fingiu que não viu. (Ibid. p. 73)

Essa crônica dialoga diretamente com aquela que dá título à coletânea e que, de certa maneira, unifica o tom do livro. Nem todo curitibano é invisível – apenas alguns conseguem tal proeza. Os Freitas e Fernandinhos, *todos com o mesmo sorriso, um sinal de perene bem-aventurança que os distingue do restante dos mortais*, estes sim, visíveis em toda a cidade e legítimos representantes dela, encarregar-se-ão de tornar os outros opacos. Quem seriam esses outros?

Na visão de Jamil, além daqueles que vivem “fora do condomínio fechado”, também os que se atiram “de corpo e alma na consecução de seu destino”:

Primeira condição: você precisa ter talento genuíno. Estudar bastante também ajuda. (...) Cada conquista, cada livro publicado, cada poema, escultura ou canção, cada tela, espetáculo, disco, filme ou fotografia, cada intervenção bem sucedida no esporte, no direito ou na medicina, cada vez que alguém, lá fora, reconhecer com isenção de ânimo que você está produzindo obra ou feito significativo – o seu grau de invisibilidade aumenta em Curitiba. (Ibid. p. 10)

A cidade de “ouvidos moucos, sonâmbula e espectral, capaz de anestesiá-la a consciência do mundo” (definição que aparece em “Como eu se fiz por si mesmo”) – essa cidade ignora sobretudo quem tenta desgarrar-se do padrão, aquele que almeja a distinção. Curitiba tratará de conduzir qualquer um que se destaque de volta “à mediocracia, pois não faltarão pessoas tentando dissuadi-lo de seu próprio talento”. A cidade-personagem é ambígua (ou assim o autor a vê), e ela pode ser cruel ou fiel, aprisionar ou curar, a depender de quem a vive. Com ironia autobiográfica, Snege lembrará que, em Curitiba, se você é um belo projeto de escritor, alguém tentará convencê-lo de que é melhor, mais lucrativo, ser um redator de propaganda.

Ao ler as vinte e cinco crônicas de “Como tornar-se invisível em Curitiba” é possível que a algum leitor ressoe a leveza e a despreensão com que Snege maneja personagens e situações pelo cotidiano afora, dada a familiaridade do autor ao tratar o texto enxuto e envolvente da boa crônica (cabe citar que, além de produzir crônicas para alguns de seus livros anteriores, Snege publicou quinzenalmente crônicas no Caderno G do jornal Gazeta do Povo entre 1997 e 2003). No entanto, e decerto com mais frequência, a outros leitores é provável que salte aos olhos o tom feérico e agudo do cronista, nem sempre disfarçado, no qual se percebe o fel de uma crítica implacável que subsiste nas entrelinhas, por vezes incisiva e protagonista da narrativa, como um retro gosto da pretensa leveza inicial.



REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Camila Gino. Um cronista da cidade: Curitiba no jornal sob o olhar de Jamil Snege 1997-2003. Curitiba, 2006. 334 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná.
- ARRIGUCCI JR., Davi. Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas III – Charles Baudelaire um Lírico no Auge do Capitalismo. Trad. José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- CANDIDO, Antonio. A vida ao rés do chão. In: Para gostar de ler: crônicas. Volume 5, São Paulo: Ática, 2003, pp. 89-89.
- CARERI, Francesco. Walkscapes: o caminhar como prática estética. São Paulo: Editora G. Gili, 2015.
- COUTINHO, Afrânio. A literatura no Brasil. vol. 6, Parte III – Relações e Perspectivas. Codireção Eduardo de Faria Coutinho. 4. ed. São Paulo: Global, 1997.
- MARTINS, Wilson. Crônicas curitibanas. *Gazeta do Povo*, Curitiba, [2001]. In: ALMEIDA, Camila Gino. Um cronista da cidade: Curitiba no jornal sob o olhar de Jamil Snege 1997-2003. Curitiba, 2006. 334 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná.
- MEYER, Marlyse. Voláteis e versáteis: de variedades e folhetins se fez a chronica. In: As mil faces de um herói canalha e outros ensaios. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1998. p. 109- 178.
- MOISÉS, Massaud. A criação literária: Prosa II. 15. ed. revista e atualizada. São Paulo: Cultrix, 1997.
- SANTOS, Jeana Laura da Cunha. Do folhetim à crônica: gêneros fronteiriços entre o livro e o jornal. Estudos em jornalismo e mídia. Ano VI, n.1. pp. 11- 22, 2009.
- SNEGE, Jamil. Como eu se fiz por si mesmo. Curitiba: Travessa dos Editores, 1994.
- SNEGE, Jamil. Como tornar-se invisível em Curitiba: crônicas. Curitiba: Criar Edições. 2005.